

2ª CONFERÊNCIA NACIONAL DOS PROFESSORES APOSENTADOS

Manuela Mendonça, coordenadora do SPN

Em nome da Direção do Sindicato dos Professores do Norte, saúdo calorosamente todas e todos os delegados e convidados à 2ª Conferência Nacional dos Professores Aposentados, expressando a nossa satisfação pelo facto de esta conferência se realizar na cidade onde o SPN tem a sua sede central. Sejam bem-vindos ao Porto!

Uma conferência nacional é um momento importante na vida da FENPROF e dos seus sindicatos, pelo que representa de debate interno em torno dos problemas que enfrentamos e, sobretudo, das melhores estratégias para os superar.

Acompanhei com interesse os trabalhos da 1ª Conferência Nacional de Professores e Educadores Aposentados, realizada em 2013. Recordo convosco o que escrevi sobre essa conferência para a revista SPN-Informação: “Como o debate realizado evidenciou, a intervenção dos docentes aposentados tem, no contexto atual, uma importância redobrada. A sua formação, consciência cívica, conhecimento feito de experiência e memória histórica, associados a uma maior disponibilidade de tempo, são mais-valias fundamentais para uma intervenção cidadã, de consciencialização de uma opinião pública desinformada, de desconstrução dos argumentos falaciosos e fraudulentos do *pensamento único*, trabalho crucial para inverter a trajetória que o país está a seguir e resgatar a esperança num futuro melhor.

Na Conferência foi sublinhada a importância da Escola Pública como um dos grandes pilares do Estado Social e enfatizada a ideia de que a luta dos professores no ativo é também a luta dos aposentados, devendo as reivindicações destes igualmente ser defendidas pelos primeiros. Não admira, por isso, que os delegados à Conferência tenham aprovado por unanimidade duas moções contra a prova de ingresso na profissão, para além de outras contra o financiamento público do ensino privado e o Orçamento do Estado proposto pelo Governo. Foi também debatida e aprovada uma resolução sobre a situação dos professores aposentados, integrando um caderno reivindicativo e formas de luta a desenvolver, bem como uma proposta de organização do Departamento de Docentes Aposentados da FENPROF, que se espera possa constituir um ponto de partida para o reforço da participação dos associados aposentados na atividade da Federação e dos seus sindicatos.”

Quatro anos passados, o contexto político é felizmente diferente, mas muitos problemas continuam por resolver. Da agenda desta conferência, para além da intervenção do professor Cid Fernandez, faz parte o balanço da atividade desenvolvida de 2013 a 2017, assim como a discussão e aprovação de uma Resolução de Ação Reivindicativa, visando, como diz o lema da conferência, “Afirmar direitos, reforçar a organização, lutar por um futuro melhor”. Não me deterei sobre estas questões porque sobre isso falarão outros muito melhor do que eu. Desde logo, a Helena Gonçalves, coordenadora do departamento, que intervirá já a seguir, e o secretário-geral da FENPROF, Mário Nogueira, que fará a intervenção de encerramento.

Como eu fiquei com a parte mais fácil, aproveito para vos deixar um apontamento que decorre da circunstância, feliz, desta conferência ter lugar no Norte, no mês em que o SPN comemora 35 anos de existência.

No âmbito desta comemoração, a Direção do SPN decidiu fazer uma edição de “As mãos e o espírito” de Óscar Lopes, cujo 100º aniversário de nascimento se assinala este ano e que era o sócio numero 104 do SPN. “As mãos e o espírito” são uma lição de sapiência proferida em outubro de 1953 na abertura do ano escolar no Liceu D. Manuel II, hoje Escola Secundária Rodrigues de Freitas (por sinal, aqui bem perto...). Essa brochura, lançada na passada sexta-feira, dia 17, está nas vossas pastas, como uma pequena oferta do SPN a todos os delegados e convidados.

Editámos também uma agenda comemorativa, com a colaboração de dois sócios do SPN, o pintor Alberto Péssimo e o escritor Nuno Higino. Na capa da agenda temos dois versos da letra do hino do SPN, da autoria do Paulo Sucena: “Unidos construímos O amanhã que queremos”. Os sócios do SPN e os membros do Secretariado Nacional da FENPROF já a terão, mas os restantes colegas que tenham gosto em ter um exemplar poderão levantá-lo na banca da Profedições.

Ainda no âmbito do 35º aniversário, está a ser ultimado um número especial da nossa revista, com depoimentos de sócios fundadores. Alguns deles estão nesta conferência, assim como estou certa de que aqui estarão sócios fundadores de outros sindicatos da FENPROF, colegas que tiveram a responsabilidade, e o privilégio, de participar nesses processos fundacionais.

Os sócios do SPN que responderam positivamente ao repto de escrever um depoimento a propósito dos 35 anos do sindicato, com uma única exceção, estão aposentados. Por isso me pareceu interessante partilhar convosco algumas das principais questões e preocupações referidas nesses testemunhos, que penso terem muito a ver com o que aqui hoje também vamos fazer: a reafirmação de princípios e valores que sempre nortearam a ação da FENPROF e dos seus sindicatos; uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro – do sindicalismo, da profissão e da educação.

Os testemunhos que recebemos falam-nos do tempo em que os sindicatos eram proibidos, dos Grupos de Estudo do Pessoal Docente do Ensino Secundário [movimento de que os sindicatos da FENPROF são herdeiros], da corajosa luta que travaram durante o fascismo em defesa da profissão, do seu contributo para a consagração do direito ao vencimento durante as férias, iludindo a censura e fazendo publicar nas rubricas “Precisa-se” dos jornais da época pequenos anúncios “professor de História (ou de inglês ou de outra qualquer disciplina...) solicita emprego compatível para os meses de Julho, Agosto e Setembro”, do impacto que isso teve na imprensa estrangeira e do embaraço que causou ao governo de então, levando a que, meses depois, um Decreto-Lei garantisse a quase todos o vencimento no período de interrupção letiva.

Falam-nos do 25 de abril e da imediata criação dos sindicatos dos professores, lembrando que no primeiro 1º de Maio após a revolução, no Porto, já aparece um cartaz anunciando o Sindicato dos Professores do Norte.

Falam-nos das vicissitudes que marcaram o processo de constituição do sindicato, do papel insubstituível dos funcionários nesse processo (então como agora), falam-nos de quão incomparavelmente menores eram os recursos materiais e financeiros relativamente ao que hoje temos, [é lembrada a circunstância de os primeiros dois meses de renda da 1ª sede do SPN terem sido pagos pela Teresa Maria Mendes...], mas como, ao contrário, era incomparavelmente maior a participação dos professores na atividade sindical, dando como exemplos os mais de cinco mil professores que participaram na Assembleia Constituinte do SPN, considerado um dos mais transparentes, democráticos e participados processos de ação sindical vividos até aos dias de hoje, assim como a apetência pela sindicalização: “Nesse tempo todos se quiseram sindicalizar. Uns porque sim, outros porque ficava mal se o não fizessem, outros por combate político, outros ainda por consciência de classe. Enfim, fosse por que razão fosse, a participação era a palavra de ordem e ninguém queria ficar para trás.”

Sobre a ação sindical desenvolvida a partir de então, sublinha-se a luta pela dignidade da função docente como fator essencial à qualidade da formação garantida constitucionalmente pela escola pública. Escola pública que é o lugar por excelência de incorporação do património humano, dos valores culturais que ele transporta, bem como dos resultados do progresso tecnológico e científico, e de alterações sociais que se vão verificando.

Aos professores exige-se, portanto, a condução dos processos de formação contextualizados e sustentados nesta complexidade que suporta o conhecimento humano. Para que possam cumprir este elevado desígnio social, os professores têm de dispor das necessárias condições para o acompanhamento, reflexão e formação permanente que esta realidade impõe.

Lembra-se que a especificidade e dignidade próprias da atividade docente foram, desde o início da formação do sindicato, a bandeira da sua ação. Foi apoiada nessa razão, que os professores constituíram um corpo especial da administração pública e viram reconhecida uma carreira equiparada à dos quadros técnicos superiores do estado.

E conclui-se:

Tudo o que destas conquistas, deste reconhecimento social das suas funções se foi perdendo, é uma perda substancial da Educação.

Fala-se sobre as exigências acrescidas hoje colocadas aos professores na condução do processo educativo, e dos mais diversos espartilhos a que estão sujeitos, nomeadamente, excessos de burocracia. E afirma-se que o grande desafio que se coloca hoje às organizações que representam os docentes é o da recuperação do papel único e insubstituível da escola, da sua autoridade e o da ‘libertação’ dos docentes para o exercício das suas funções únicas.

Porque ao professor, diz-se, cabe o papel ímpar, numa sociedade democrática, de ajudar a construir, dia após dia, mentes cultas, livres e solidárias. Por isso, temos de continuar atentos,

lutar pela dignificação da nossa classe, o que evidentemente, passa também por lutar por uma justa remuneração e horas de trabalho que não passem as fronteiras da exploração. “Temos de continuar a exigir estarmos no centro do pensar educação. Nunca, mas nunca, deixemos que seja o “outro” o decisor do ato de ensinar / educar.”

Do professor, diz-se ainda que é o grande agente da mudança. “Cabe-lhe a tarefa mais bela da humanidade”. “Ser professor é uma honra.”

Sobre sindicalismo, num testemunho que tem como título “35 Anos de Futuro”, diz-se que “Pode haver múltiplas razões, e todas elas justificadas, para se ser sindicalizado. Mas para mim, a maior, a que sempre me moveu foi a dignificação da classe docente. Esta é uma luta contínua porque, por cada vitória alcançada, logo outros desafios se levantam. Por cada obstáculo ultrapassado logo outros se advinham mais à frente”.

Reafirma-se que a união e a persistência fazem a força e que o sindicato somos todos nós. Lembra-se a Recomendação UNESCO/OIT, de 1966 sobre a profissão docente, para mostrar a enorme atualidade dos compromissos ali assumidos pelos governos que a subscreveram e sublinhar que nela se consagra, de forma inequívoca, o papel imprescindível dos sindicatos enquanto parceiros educativos e o protagonismo que deles se espera na construção do futuro.

Fala-se também da Declaração Universal dos Direitos do Homem, “aqueles 30 artiguinhos que se fossem cumpridos não seria preciso mais nada”.

Em síntese, diz-se noutro testemunho, “celebrar este aniversário é revisitar as raízes, afirmar a memória de um percurso coletivo, recordar tantas e tantos companheiros de jornada, os combates, as vitórias que mudaram o futuro, os laços nunca destruídos...”

Mas é também fazer dele um novo ponto de partida, para um sindicato que nunca esmoreça, que nunca desista do “debate enriquecedor e da discussão aberta”, que continue a ser o reflexo da vontade e da ação dos Professores que representa.

Neste cruzamento de passado, presente e futuro, encontramos apelos aos colegas no ativo e sobretudo aos mais jovens – para que se dediquem ao estudo e análise de tudo o que em primeiro lugar a sua profissão implica; para que não aceitem passivamente o que lhes impõem; para que lutem por mais e melhores condições de trabalho; para que participem nos destinos da sua profissão, quer através dos órgãos da escola quer do sindicato; para que deem força ao sindicato... “Que se respeitem a si próprios para serem respeitados. E que sejam felizes.”

E termino com a referência a um testemunho que tem como título “O meu jeito de lembrar” e nos deixa o “Poema das Árvores”, de António Gedeão (Novos Poemas Póstumos):

As árvores crescem sós. E sós florescem.

Começam por ser nada. Pouco a pouco

Se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo.

Crescendo deitam ramos, e os ramos outros ramos,
e deles nascem folhas, e as folhas multiplicam-se.

Depois, por entre as folhas, vão-se esboçando as flores.
e então crescem as flores, e as flores produzem frutos,
e os frutos dão sementes,
e as sementes preparam novas árvores.

.....

E este foi o meu jeito de vos dar as boas vindas, com a devido agradecimento ao Fernando, à Maria José, à Teresa, ao Mário, à Manuela, à Assunção, à Ana, ao Paulo, ao Mário, ao António, ao Abel, ao José Luís, à Ana, à Amélia e à Eva – sócios aposentados do meu sindicato a quem pedi emprestadas estas palavras. Palavras que ilustram bem o provérbio inglês: “Once a teacher, always a teacher”.

Desejo-vos um dia de trabalho profícuo, certa de que esta conferência contribuirá para o reforço da FENPROF, a Federação que ajudámos a criar há 34 anos e que é, reconhecidamente, a mais forte e representativa organização sindical dos professores do nosso país.

VIVAM OS PROFESSORES, OS EDUCADORES E OS INVESTIGADORES PORTUGUESES!
VIVA A FENPROF!

Porto, 21 de novembro de 2017